



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Patrimônio em tempos de crise

V 12 | n 23 | jul-dez 2023

Urbanidade: Aproximações teóricas em Arquitetura e Urbanismo e Antropologia Urbana

**Ananias de Assis Godoy Filho; Vera Lucia Tieko Suguihiro;
Alicia Norma González de Castells**



Edição eletrônica

URL: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://nauu.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

GODOY FILHO, Ananias de Assis; SUGUIHIRO, Vera Lucia Tieko; CASTELLS, Alicia Norma González de. Urbanidade: Aproximações teóricas em Arquitetura e Urbanismo e Antropologia Urbana. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 12, n. 23, p. 143-166, jul-dez 2023. Semestral.

© NAUI

Urbanidade: Aproximações teóricas em Arquitetura e Urbanismo e Antropologia Urbana

Ananias de Assis Godoy Filho¹
Vera Lucia Tieko Suguihiro²
Alicia Norma González de Castells³

Resumo

Neste ensaio, exploramos três textos em Arquitetura e Urbanismo sobre urbanidade, verificando neles as tentativas de operacionalização desse conceito para o processo de projeto. Em seguida, visitamos três trabalhos em Antropologia Urbana em busca de abordagens da urbanidade. Por fim, apresentamos uma síntese e defendemos a urbanidade como uma dimensão inalienável da cidadania, a ser considerada nos projetos, tanto quanto outros parâmetros mensuráveis. A análise permite concluir que as teorias, métodos e técnicas da Antropologia Urbana podem trazer contribuições valiosas para as pesquisas em A&U.

Palavras-chave: Urbanidade; cidadania; urbanismo participativo

Abstract

In this essay, we explore the concept of urbanity in approaching three texts in the Architecture and Urbanism field, collating them with three works on this theme in Urban Anthropology. We verify in these articles the attempts to operationalize this concept for using it in the design process. Next, we visit three works in Urban Anthropology, in search of its views on urbanity. We argue that urbanity is an essential dimension of citizenship, to be considered in the design process, as well as other measurable parameters.

¹ Mestre em Metodologia de Projeto; doutorando em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Estadual de Londrina Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Programa Associado UEM/Uel de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Londrina-PR. E-mail: ananias_godoy@msn.com.

² Doutora em Serviço Social – Pesquisadora Bolsa Produtividade CNPq. Universidade Estadual de Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Serviço Social. Docente permanente do Programa Associado UEM/Uel de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Londrina-PR. E-mail: suguihiro@uel.br.

³ Pós-doutorado – Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires (UBA) Prof. Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social e de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, Florianópolis-SC. E-mail: alicianormacastells@gmail.com.

Keywords: Urbanity; citizenship; participatory urbanism.

Introdução

O que se entende por *urbanidade*? Para compreensão deste conceito, recorreremos à etimologia do termo como opção metodológica para distinguir-lhe os traços mais elementares, uma via de abordagem possível que tentaremos expandir mais adiante. Em sentido amplo, fora dos campos da Arquitetura e Urbanismo (A&U) e da Antropologia Urbana, o termo *urbanidade* é definido como “Reunião dos costumes, formalidades e comportamentos que expressam respeito entre pessoas; demonstração de civilidade; afabilidade. Característica do que é urbano, civilizado; civilidade.” (URBANIDADE, 2023a). O dicionário Michaelis, versão online, define o vocábulo de maneira muito semelhante: “1. Qualidade ou característica de ser urbano. 2. [FIG] Conjunto de preceitos de civilidade que revelam boas maneiras e respeito nos relacionamentos sociais; civilidade.” (URBANIDADE, 2023c). Em consonância com esses significados encontrados em léxicos brasileiros, os dicionários portugueses Porto Editora e Priberam, versões online, assim explicam a urbanidade: “1. qualidade de urbano. 2. *figurado* cortesia; boa educação; civilidade; delicadeza”. (URBANIDADE, 2023b); e “1. Qualidade do que é urbano. 2. Vida de cidade. 3. [Figurado] Cumprimento das regras de boa educação e de respeito no relacionamento entre cidadãos. Afabilidade, civilidade, cortesia” (URBANIDADE, 2022).

Ampliando nossa investigação do termo para conceituados dicionários de outros idiomas, encontramos as seguintes definições, cujas traduções já apresentamos aqui, em prol da clareza: No idioma espanhol, o *Diccionario de la Real Academia Española* fornece os seguintes significados: “Cortesia, comedimento, atenção e bons modos”⁴ (URBANIDAD, 2023). Em francês, o dicionário Larousse, versão online, define o termo urbanidade como “Polidez, cortesia”⁵ e apresenta como sinônimos “civilidade – educação – *savoir-vivre*”⁶. No caso da expressão sinônima *savoir-vivre*, que não é somente *saber viver* mas tem conotações várias de difícil tradução, fazendo-se uma pesquisa reversa encontramos como significado

⁴ Esp.: *urbanidad*: 1. f. *Cortesania, comedimiento, atención y buen modo.*”

⁵ Fr. : *urbanité. n. f. : Politesse, courtoisie.*

⁶ Fr. : *civilité – éducation – savoir-vivre.* Sobre a expressão *savoir-vivre* e sua possibilidade de significado no contexto desta análise, falaremos adiante.

“Conhecimento e prática das regras da polidez, dos costumes do mundo”,⁷ sendo apresentada a seguinte sinonímia: “civildade – correção – educação – tato – urbanidade – costume.”⁸ (URBANITÉ, 2023).

Finalmente, no idioma inglês, dicionário Merriam-Webster online, encontramos “1: qualidade ou estado de ser urbano; 2: urbanidades. pl.: atos ou conduta urbanos”.⁹ (URBANITY, 2023). Digna de nota é a clara distinção de sentido e pronúncia entre os adjetivos *urban* (pron.: /'ɜ:bən/) e *urbane* (pron.: /'ɜ:beɪn/).¹⁰ Enquanto *urban* refere-se àquilo que pertence, se relaciona, é característico de, ou constitutivo de uma cidade, no seu aspecto espacial, material, *urbane* é adjetivo nitidamente relacionado a determinados comportamentos, como atesta a resposta dada à pergunta abaixo, extraída do Thesaurus desse mesmo dicionário, em que se destaca a expressão francesa *savoir-faire*¹¹: (URBANE, 2023a, 2023b):

Quando você deve usar *urbane*?

Os janotas da cidade e a gente do campo há muito discutem se a vida é melhor na cidade ou nos grandes espaços abertos, e o termo *urbane* brota das agruras desse debate. A palavra remonta ao latim *urbs*, significando “cidade”, e nos seus usos mais antigos em inglês *urbane* era sinônimo de sua parente mais próxima *urban* (“pertencente a, relacionado a, característico de ou constitutivo de uma cidade”). *Urbane* desenvolveu seu sentido moderno de *savoir faire* a partir da crença (sem dúvida fomentada pelos moradores da cidade) em que morar na cidade tornava alguém mais suave e polido do que levando uma vida rural. (MERRIAM-WEBSTER THESAURUS, S. d. Trad. nossa, aspas e itálicos no original).¹²

Depois de coligir todas as definições, bem como as traduções de todos os termos e expressões nas outras línguas pesquisadas, reunimo-las em um *corpus* a fim de conhecer as definições mais frequentes. Para tanto, utilizamos o software estatístico RStudio (POSIT, 2021) com instalação do pacote *Word Clouds* (FELLOWS, 2018), para produzir a nuvem de palavras da Figura 1. A nuvem de palavras, embora não seja precisa como ferramenta estatística, permite rapidamente, para fins explicativos, discernir os termos mais frequentes que ocorrem em um

⁷ Fr.: *Connaissance et pratique des règles de la politesse, des usages du monde.*

⁸ Fr.: *civilité – correction – éducation – tact – urbanité – usage.*

⁹ Ing.: 1: *the quality or state of being urbane*; 2: *urbanities* pl.: *urbane acts or conduct.*

¹⁰ Para a escrita fonética dos termos apresentados foi utilizado o site IPA – *International Phonetic Alphabet* (disponível em: <https://www.internationalphoneticalphabet.org/english-to-ipa-translator/>, acesso em 1 abr. 2023).

¹¹ Lit.: saber-fazer. A conotação dessa expressão é de habilidade interpessoal, senso de oportunidade; flexibilidade, sabedoria e correção nas atitudes, fazer bem, fazer direito, expertise, capacidade.

¹² Cf.: www.merriam-webster.com/dictionary/urbane#did-you-know.

interagir no corpo social, o faz com urbanidade. Em vista do exposto, pode-se afirmar, a partir de uma análise léxica, que a essência da urbanidade é a civilidade, ou, no mínimo, esta é sua característica mais evidenciada nas definições presentes nos dicionários consultados.

A urbanidade, nessa perspectiva, apresenta-se como uma dimensão inalienável da cidadania. Quanto a esta última, ainda servindo-nos da etimologia como acesso aos significados primários de palavras por vezes banalizadas, os substantivos *cidadão* e *cidadania* derivam da palavra cidade, cuja origem é o latim *civitatis* e significava tanto a condição de cidadão do Império Romano como o conjunto dos cidadãos, a cidade em sua dimensão política. De origem comum são os termos civilidade, civismo, civil, civilização etc., que provêm do étimo latino *civi*, cidadão. O termo *civilidade* origina-se diretamente do latim *civilitas*, que significa a prática do poder por parte do cidadão, ou seja, está impregnada neste termo a dimensão política (CIVILITAS, 2023).

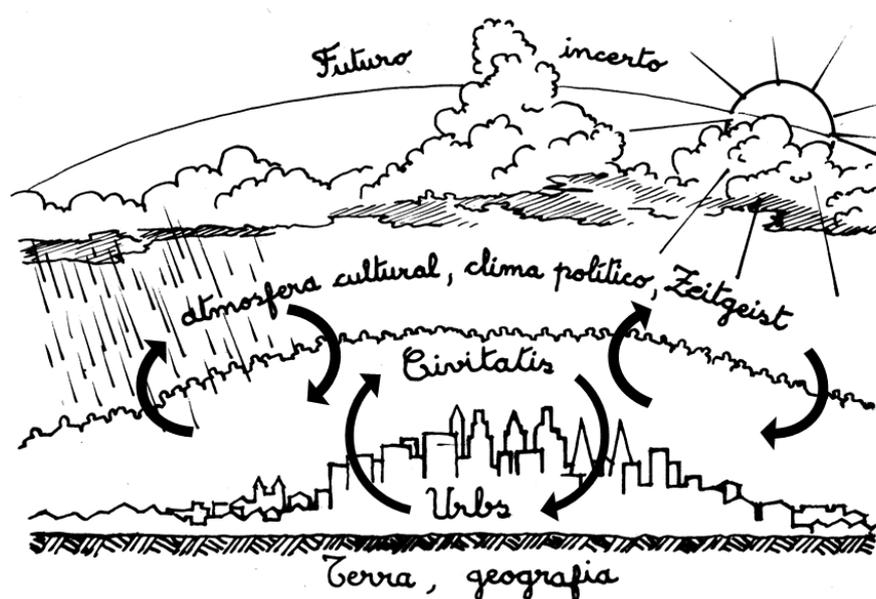
Por outro lado, *urbano* e *urbanidade* têm sua raiz no termo latino *urbs*, relacionado à concretude da cidade, o sítio urbano, as estruturas espaciais da cidade compreendida como lugar, referência no espaço. Logo, em sentido lato, a urbanidade pode ser compreendida como um modo de convivência social em que a cidadania se exerce com civilidade, respeito, educação, afabilidade, cortesia e sabedoria (*savoir faire* e *savoir vivre*). Estes dois *savoirs* formam sutis saberes não escritos, oriundos da experiência de vida pessoal e da vivência em um lugar, que fundamentam a competência para a melhor prática diante de desafios não previstos e que robustecem sua validade em face das evidências de seus efeitos concretos no cotidiano da vida cidadina.

Podemos afirmar portanto que, em relação ao emprego usual do termo aqui examinado, a noção atual de urbanidade, que começou a ser forjada no contexto do desenvolvimento histórico das cidades europeias a partir do século XVI, abrange três dimensões: 1) a espacial (lat. *urbs*), constituída pela cidade como estrutura de suporte, lugar de referência, porção do espaço construído, a um tempo palco e plateia dos processos sociais citadinos; 2) a política (lat. *civitatis*), instituída a partir do conjunto de ações individuais e coletivas no interior de uma sociedade, em uma dinâmica de constante negociação de forças e interesses que dizem respeito tanto ao ambiente citadino quanto ao ambiente rural fora dele; e 3) a comportamental-espacial, evidenciada pelas diferentes maneiras como se manifestam as interações entre as ações da

civitatis e as estruturas da *urbs*, de acordo com a atmosfera cultural, o clima político e o espírito do tempo (*Zeitgeist*).

Como um arranjo em camadas geológicas, em que quanto mais alta a camada mais instável, imprevisível e vulnerável é o sistema frente às mudanças causadas pelos três fatores mencionados, propomos a Figura 2, em que as setas representam as interações entre camadas, ou seja, a(s) urbanidade(s) observáveis no meio ambiente citadino.

Figura 2 - Interações constitutivas da urbanidade.



Fonte: Croqui elaborado pelos autores.

Um conceito elusivo - abordagens da urbanidade nas pesquisas em Arquitetura e Urbanismo

Em contraposição ao sentido cotidiano da palavra, em que se verifica uma convergência de significados, tornando assim facilmente reconhecível a presença ou ausência de urbanidade no proceder de um indivíduo ou grupo, no campo da A&U o termo parece designar fenômenos diversos, cujos aspectos são descritos segundo abordagens por vezes bastante diferentes,

dependendo do autor e do ponto de vista considerado. Se não fenômenos diferentes, ao menos visões diversas sobre um mesmo conjunto de fenômenos. Nesta seção, exploramos alguns autores cujas pesquisas têm se dirigido prioritariamente à busca de compreender/definir a(s) urbanidade(s). Dois desses trabalhos estão publicados nos Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – I ENANPARQ, ocorrido no Rio de Janeiro (ENANPARQ, 2010). São eles Gonçalves (2010) e Holanda (2010), sendo que uma versão ampliada deste encontro foi publicada no livro *Urbanidades*,¹³ uma reunião de oito ensaios sobre o tema, considerado pelos autores “um diálogo tortuoso” (HOLANDA *et al.*, 2012). Além desses dois textos, um terceiro (CHAKUR, 2018), que apresenta outra tentativa de chegar a uma definição mais objetiva da urbanidade em A&U, visando torná-la mensurável por meio do estudo da importância e dos tipos de interações, com base em alguns parâmetros facilmente verificáveis.

O primeiro artigo, Gonçalves (2010), concentra-se principalmente nas estruturas espaciais e discute a validade da dicotomia urbano-rural, enquanto tenta definir a urbanidade partindo da vitalidade e diversidade urbanas. Propõe que a operacionalização do conceito deva ser pela compreensão do que chamou “potencial de urbanidade” de uma configuração espacial, uma concepção que considera a capacidade do suporte material favorecer ou desencorajar um tipo de urbanidade referenciada nas noções tradicionais de vitalidade e diversidade urbanas inicialmente delineadas por Jacobs (1992 [1961]). Uma vez plenamente elaborada, essa noção seria capaz de reconhecer graus de urbanidade em arranjos de estruturas espaciais urbanas, ou seja, converter-se-ia em ferramenta analítica e projetual em A&U.

Assim, se a urbanidade, enquanto qualidade das estruturas espaciais *daurbs* ou da interação destas com as pessoas é algo análogo a determinada noção de urbanidade desejável nas relações interpessoais cotidianas, i. e., relações que se espera transcorram de modo afável e sem atritos; e se, por outro lado, a vitalidade é definida por uma frequência mais ou menos constante de contatos significativos em intensidade e diversidade, então pode haver urbanidade mesmo em contexto que não se encaixe nas definições consagradas de vitalidade urbana. Um

¹³ O título do livro utiliza o plural e inclui o ponto, em um gesto afirmativo que não há *uma* definição de urbanidade, e sim muitas.

ambiente construído poderia ser “dotado de urbanidade” (um arranjo espacial que favoreça tais interações, de certas maneiras), porém apresentar baixa vitalidade.

Por outro lado, existem bairros modestos, razoavelmente homogêneos em sua simplicidade, cujas praças singelas e desprovidas de estruturas supostamente potencializadoras de urbanidade são verdadeiros centros de convivência urbana, em que se manifesta o sentido da urbanidade cotidiana mencionado no princípio. Essas pracinhas despojadas, segundo aquela lógica, seriam espaços de baixa urbanidade. A autora afirma que, dependendo do arranjo espacial dos elementos em um espaço urbano, pode-se ter variação no potencial de urbanidade. Isso denota que, neste conjunto de ideias, a urbanidade é um atributo do espaço urbano derivada da disposição das estruturas materiais. O artigo estabelece assim rigorosa separação entre a concretude das estruturas (a *urbs*) e os sujeitos que nela vivem e dela se aproveitam (a *civitas*, o conjunto dos habitantes citadinos, no exercício de seus direitos, interesses, poderes e deveres).

Ao considerar que a busca por um arranjo físico que favoreça a diversidade de contatos é importante na configuração de espaços dotados de urbanidade, fica explícita a concepção da urbanidade das estruturas materiais como algo possível de ser projetado deterministicamente; em outras palavras, programado com base em um design. Assim enunciada, a urbanidade parece não se diferenciar da vitalidade urbana, sendo que a dificuldade dessa diferenciação é admitida no trabalho. Finalmente, depois de elencar uma série de fatores que devem ser levados em conta na tentativa de estabelecer parâmetros de avaliação da urbanidade, a autora conclui que a definição permanece em aberto. Sugere um alargamento da noção de urbanidade que extrapole os referenciais vitalidade e diversidade, e propõe focalizar o que conceitua como “qualidade urbana” (*op. cit.*, p. 10), caminho visto como capaz de superar o desafio, em que pese a relatividade da palavra *qualidade*.

Por sua vez, Holanda (2010) publica um artigo intitulado *Urbanidade: Arquitetônica e Social*, no qual declara, logo no início, que “Há muitas conotações para ‘urbanidade’”, e que o conceito, para ser útil, não deve ser empregado de maneira “ampla, geral e irrestrita”. Se bem definido, porém, serviria para a compreensão das interações entre as pessoas e as estruturas materiais da cidade, no aspecto do convívio entre citadinos. Diferentemente da visão explorada por Gonçalves (2010), Holanda coloca toda ênfase no aspecto interacional, sendo a urbanidade um padrão verificável de ações das pessoas entre si e na relação que estabelecem com a base material da cidade. Se o termo for empregado em referência às estruturas materiais da urbe,

adverte o autor, será mais por analogia e sempre com alcance limitado. É a partir deste ponto que Holanda busca situar sua argumentação em prol de uma compreensão mais clara e focada da urbanidade, diferenciando-a daquilo que classifica como a “ampla bacia fluvial” das pesquisas em ambiente-comportamento (*op. cit.*, p. 3).

Sempre visando à operacionalização do conceito, Holanda (2010) insere a urbanidade em uma discussão distinta, entendendo-a como o processo das interações entre sociedade e espaço, chamadas por ele de “socioarquitetônicas”. Essas interações e as evidências delas resultantes são variáveis, conforme as sociedades e as arquiteturas. Assim, como requisito indispensável para tal esforço epistêmico, postula que é preciso definir a urbanidade no contexto da discussão sobre arquitetura, bem como definir o que é relevante em arquitetura quando se trata de urbanidade.

Destrinchando a questão, podemos falar em *urbanidade social* – quando os atributos estiverem relacionados a modos de interação social – e *urbanidade arquitetônica* – quando os atributos estiverem relacionados ao lugar. (HOLANDA, 2010, p. 4, itálicos no original).

Para demonstrar a validade da teoria, do método e das técnicas propostas por ele em trabalho anterior, no qual sugere a existência dos dois paradigmas, o da formalidade e o da urbanidade, o autor expõe os resultados de sua pesquisa na Vila Planalto, no Distrito Federal. Trata-se de um trabalho de fôlego, derivado de sua tese de doutoramento defendida em 1997, conceitualmente denso e robustecido por muitos dados quantitativos obtidos em trabalhos de campo (HOLANDA, 2018 [2002]). Mais adiante, no artigo de 2010 ora analisado, são mostrados resultados da aplicação instrumental e objetiva de sua teoria, método e técnicas em projetos de sua autoria. Seu propósito foi demonstrar a utilidade de parametrizar a urbanidade arquitetônica, não somente “para *melhor projetar*” (HOLANDA, 2010; p. 5, itálico no original), mas também para tornar verificáveis por outros pesquisadores os resultados da aplicação do método que propôs.

O terceiro texto com que tentamos exemplificar a variedade de proposições feitas pelos pesquisadores da urbanidade em A&U é *Urbanidade: conceito e parâmetros* (CHAKUR, 2018), em que já no título são declarados os objetivos do trabalho. O autor entende que definir a urbanidade das estruturas materiais por meio de poucos e simples parâmetros de fácil verificação (*a posteriori*, no caso de uma avaliação do ambiente construído) ou aplicação (*a*

priori, i. e., no momento da elaboração do projeto), seria um auxílio importante para “ajudar a moldar o desenvolvimento de políticas públicas” (*op. cit.*, p. 1). Aqui, existe similaridade com a visão proposta por Holanda (2010 e 2018 [2002]), de que se trata da “urbanidade socioarquitetônica” (HOLANDA, 2010), cuja compreensão e parametrização contribuiria para arquitetos-urbanistas e planejadores urbanos não apenas fazerem melhores projetos como também disporem de argumentos mais alicerçados em dados quantitativos, no momento de sua argumentação com promotores imobiliários, gestores públicos e outros tipos de contratantes institucionais.

Ao analisar a urbanidade, afirmando que ela é parte constitutiva da identidade¹⁴ de uma cidade, o autor inicia pelo mesmo caminho que propusemos neste ensaio: o de investigar primeiro os significados primários do termo na linguagem comum, i. e., consultando os léxicos do idioma, como fez também Aguiar (2012). Na mesma linha, Chakur (2018) procura tornar mais nítidos os contornos da urbanidade utilizando-se de contrastes entre o que seriam espaços *com urbanidade* (lugares de vivência em coletivo, acolhedores, receptivos, expostos às pessoas e onde elas se expõem, nos quais convive a diversidade) e o que classifica como espaços *sem ou com baixa urbanidade* (espaços inóspitos, segregados, fechados à vista do público e padronizados).

O autor ressalta de maneira didática que tais contrastes tornam mais vívida a definição da urbanidade como um fenômeno comportamental ou uma característica de certos lugares, cuja manifestação mais verificável (“grau de urbanidade”, *op. cit.*, p. 3) é consubstanciada no conjunto de interações entre as estruturas físicas da cidade, o lugar, a referência no espaço (*urbs*) e o conjunto dos fruidores desses locais no momento de suas atividades (*civitatis*). Trata-se de uma concepção abrangente, centrada na importância das influências recíprocas e constantes ao longo do ciclo de vida dos espaços e do arco de vida de uma pessoa ou sociedade, uma vez que “a maximização do grau de urbanidade maximiza as qualidades caracterizadoras dos espaços com urbanidade” (p. 3). Diante desta afirmação, fica-se, contudo, com uma questão não respondida, que faremos depois e tomando por base as seguintes considerações:

a) Por certo, uma coletividade que se comporta na esfera pública da vida segundo determinados códigos de conduta, comunicação e exposição que reconhecemos cotidianamente

¹⁴ Atributo não mencionado nos outros trabalhos consultados, que aqui aparece remetendo o leitor à ideia de fisionomia urbana ou caráter da cidade.

como urbanidade (civildade, afabilidade, cortesia, abertura etc.) tenderá a maximizar o “potencial de urbanidade” (GONÇALVES, 2010) dos espaços que utiliza, ainda que este seja reduzido. Essa coletividade pode chegar até a intervir concretamente para dotar tais espaços de alto grau de urbanidade das estruturas espaciais, dependendo dos seus recursos materiais e humanos, sua capacidade de organização e seu poder de pressão junto aos gestores públicos, promotores imobiliários ou outros grupos de poder.

b) Em contrapartida, de acordo com essa lógica, uma coletividade que se guia por valores e códigos de conduta outros, cujos modos de comunicação, regras de convivência e partilha do espaço público as classes letradas e/ou afluentes não reconhecem como sendo propriamente *urbanos* (carentes de urbanidade), tenderia a diminuir a urbanidade dos lugares com que interage. Tal seria o caso, frequente em regiões de arrabaldes urbanos habitados por comunidades excluídas do crescimento econômico e das melhores oportunidades em educação formal, de intervenções revitalizadoras ou urbanizadoras em espaços públicos abertos de uso comunitário, que em pouco tempo são depredados, tornando-se locais abandonados ao medo e à violência.

Perguntamos, portanto: Que maximização das qualidades caracterizadoras dos espaços com urbanidade comunidades na segunda situação acima seriam capazes de produzir nas regiões inurbanas¹⁵ e desurbanas¹⁶ (FIGUEIREDO, 2012) que habitam? Teriam essas coletividades possibilidade de, com a sua própria maneira de conviver, segundo suas regras no trato interpessoal e seu modo de interagir com as estruturas ambientais (ou seja, sua *urbanidade* característica); no uso de seus próprios recursos materiais e humanos, condições de produzir lugares com alta “urbanidade socioarquitetônica” (HOLANDA, 2010), ou alto “potencial de urbanidade” (GONÇALVES, 2010), ou ainda elevado “grau de urbanidade” (CHAKUR, 2018) a partir praticamente do zero?

Defendemos que sim, e plenamente. Uma chave importante para descerrar a compreensão do que subjaz a tal potência social parece estar nas visões de urbanidade encontradas na Antropologia Urbana, disciplina que coloca em posição central a preocupação em conhecer os saberes e fazeres locais das comunidades urbanas, não afasta de suas análises a

¹⁵ Sem a “urbanidade social”, como a denominou Frederico de Holanda (civildade, cortesia etc.).

¹⁶ Espaços inóspitos, depauperados e perigosos, uma das consequências resultantes do que Figueiredo (2012) conceitua como *desurbanismo*.

dimensão política e cultural das ações de indivíduos e grupos no suporte citadino e trabalha suas descrições segundo uma perspectiva temporal, cultural e não determinística; ao contrário de boa parte das pesquisas sobre este tema no campo da A&U, em que uma necessidade essencial de manter o foco nos parâmetros para projetos de estruturas ambientais relega esses fatores a uma posição acessória na heurística mais frequentemente utilizada.

Explorando a urbanidade em três textos de Antropologia Urbana

Propomos a exploração de três autores nessa área, localizados propositalmente em pontos bem distantes no mapa das épocas e locais. Não temos aqui maiores pretensões de fazer uma exegese desses escritos, visto que, como pesquisadores de outra área, admitimos não dispor de uma série de estudos anteriores que nos permitiriam aprofundar as análises. Apesar da limitação, tentaremos, através das lentes da A&U, discernir nos textos os conteúdos mais úteis para ampliar a compreensão da urbanidade em nosso meio, contribuindo assim para robustecer as tentativas de operacionalização dessa variável.

Primeiramente, comentaremos alguns sinais de uma visão da urbanidade presentes no clássico *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*, de Georg Simmel (2005 [1903]). Situado no início do século passado, trata-se, de acordo com o tradutor da versão publicada em Mana,¹⁷ do texto de uma conferência proferida por Georg Simmel (1858-1918) por ocasião da Exposição das Cidades, ocorrida em Dresden, Alemanha, no inverno de 1902-03. Este texto foi escolhido por sua importância na compreensão de uma versão de urbanidade típica do contexto europeu de fins do séc. XIX e início do séc. XX, que se tornou a referência hegemônica ao se falar do tema.

Em seguida, passamos ao exame de um artigo de José Guilherme Cantor Magnani (2002), mais pertinente a situações em contexto brasileiro, embora o autor trate também do contexto internacional mais amplo. De modo idêntico, como um piloto amador que sobrevoa uma região pouco conhecida, atemo-nos aos elementos maiores e mais facilmente identificáveis da paisagem, sem descer a detalhes que a altura do voo e sua brevidade não permitem perceber.

¹⁷ Tradução de Leopoldo Waizbort. Texto original: *Die Großstädte und das Geistesleben*. In: SIMMEL, Georg. *Gesamtausgabe*. Frankfurt: M. Suhrkamp, 1995, v. 7, p. 116-131.

Fechando esta seção, tentamos extrair de Ruchaud (2018) as noções mais relevantes para os propósitos deste ensaio. Neste terreno, sentimo-nos menos deslocados, dado que o autor, arquiteto e urbanista, apresentou no III URBFVELAS um trabalho que se refere explicitamente às categorias de “urbanidade social” e “urbanidade arquitetônica” (ou “espacial”), no dizer de Holanda nos já referidos trabalhos. Desse modo, tentamos traçar linhas capazes de unir o pensamento de um autor clássico europeu, um autor brasileiro consagrado e um da nova geração, também arquiteto, instado a lidar com tão fugidio conceito nestes tempos transdisciplinares e complexos, em que as fronteiras disciplinares tornam-se cada vez mais permeáveis.

Em Simmel (2005 [1903]), encontramos uma detalhada exposição de razões que influíram na constituição daquilo que chamaremos aqui de *urbanidade social em sentido clássico*, i. e., uma atitude, um estar-na-cidade caracterizado principalmente pelo cosmopolitismo de seus adeptos. Depois de estabelecer a ideia de que a cidade grande e seus habitantes orientam-se quase que exclusivamente pelo atendimento a situações determinadas pelo mercado, inclusive no que se refere a comportamentos em coletivo, Simmel ressalta o anonimato cada vez maior das relações interpessoais, uma vez que a velocidade e o ritmo da vida moderna não permitem que os breves contatos, pragmáticos e interessados (“uma objetividade impiedosa”, *op. cit.*, p. 579), evoluam para relacionamentos mais próximos e intensos, o que requereria tempo.

Segundo o autor, a quantidade de estímulos ao desejo em tão curto tempo, aliada à violência das desigualdades no meio urbano da primeira Revolução Industrial, à velocidade dos transportes, das comunicações, das finanças e de tudo o que constantemente se abate sobre os habitantes das grandes cidades, são os fatores determinantes de uma urbanidade *blasé*. Essa calma aparente tem duas finalidades: agir como couraça redutora do estresse emocional causado por tantos e tão frequentes apelos e, ao mesmo tempo, servir de código balizador de comportamentos para que indivíduos de diferentes classes sociais, valores culturais, costumes, religiões e até idiomas diversos possam conviver e negociar em harmonia, em um clima de *civilidade*, afabilidade, receptividade, abertura ou tolerância para com o outro; ou seja, tudo aquilo que costuma ser associado a um modo cosmopolita de vida. A enganosa fleuma característica da urbanidade *blasé* funciona como um consenso sobre como proceder na variada

e mutante esfera pública da vida em grandes cidades governadas pelos interesses comerciais e financeiros. Sobre este ponto, prossegue Simmel, com palavras enfáticas:

Essa disposição anímica é o reflexo subjetivo fiel da economia monetária completamente difusa.¹⁸ Na medida em que o dinheiro compensa de modo igual toda a pluralidade das coisas; exprime todas as distinções qualitativas entre elas mediante distinções do quanto; na medida em que o dinheiro, com sua ausência de cor e indiferença, se alça a denominador comum de todos os valores, ele se torna o mais terrível nivelador, ele corrói irremediavelmente o núcleo das coisas, sua peculiaridade, seu valor específico, sua incomparabilidade. (SIMMEL, 2005 [1903], p. 581).

Assim, nas palavras de Simmel, entendemos que as relações sociais no ambiente urbano não são somente, como dissera, de “uma objetividade impiedosa”, mas também que tudo e todos estão, sem salvação possível,¹⁹ sujeitos a uma *objetificação* impiedosa pelo dinheiro, única referência de valor em um mundo de contrastes brutos que se sucedem a cada momento. Para enfrentar com civilidade tamanha rudeza, a urbanidade *blasé* torna-se essencial. Assim, os tons de vozes e de cores adequados a esse fim precisam ser suavizados, como um meio-termo metafórico entre as cores ferozes do cotidiano urbano e a completa falta de cor de sua tradução em medida pecuniária. A arte, em sua capacidade de ler a complexidade do mundo e representá-lo de forma simples e imediata, já apresentava, mais de vinte anos antes, uma síntese visual perfeita dessa urbanidade *blasé* (Figura 3) no quadro *Rue de Paris, temps de pluie* (CAILLEBOTTE, 1877).

¹⁸ Aqui no sentido de completamente difundida, alastrada, disseminada, algo que tudo impregna (Al.: *durchgedrungenen*); e não no sentido mais atual de pouco nítida ou indefinida.

¹⁹ No parágrafo acima citado, o termo alemão que foi traduzido como irremediavelmente é *rettungslos*, literalmente: sem salvação.

Figura 3 - Rue de Paris, temps de pluie. Óleo sobre tela, 212,2 x 276,2 cm (CAILLEBOTTE, 1877).



Fonte: Chicago Art Institute. Imagem digital, licença Creative Commons 0 (domínio público). Disponível em <https://www.artic.edu/artworks/20684/paris-street-rainy-day>. Acesso em: 2 mai., 2023.

Numerosas análises já foram escritas sobre esse quadro icônico, cujo autor era homem culto e abastado, frequentador dos círculos sociais mais ilustres e afluentes de Paris à época – início da chamada *Belle Époque* –, tendo sido inclusive uma espécie de mecenas do grupo de artistas que veio a se autodenominar impressionistas; portanto, não cabe repetir aqui o que já foi tratado por especialistas em arte. Todavia, alguns detalhes evidenciam-se importantes para nosso argumento, a partir de determinados elementos do quadro, que retrata a *Place de Dublin*, no cruzamento entre *Rue Moscou*, *Rue de Turin*, *Rue de Saint-Pétersbourg* e a extremidade sul da *Rue Clapeyron*.

Gustave Caillebotte, então com 29 anos, havia morado neste lugar tempos antes e testemunhado as intervenções modernizadoras empreendidas pela prefeitura de Paris segundo o projeto do Barão Haussmann. No período em que o quadro foi idealizado, o local estava recém-inaugurado e a população modesta que ali habitava em casas antigas entre ruas estreitas, junto com a sua urbanidade característica, havia sido removida para outros lugares, dando

espaço a novos proprietários, comércios e frequentadores, com outros códigos de comportamento, traduzidos nesta pintura.

A cena, meticulosamente planejada, é cindida na vertical pelo poste de luz que a reparte desde o espaço de céu. A luminária, aparato tecnológico de modernidade, é simbolicamente posicionada no ponto mais alto, no centro do quadro. À luz desse equipamento urbano são representadas as duas instâncias da vida cidadina que jamais devem se confundir, dentro dos princípios do que temos chamado aqui de urbanidade em sentido clássico: 1ª) A esfera do estar em público, do afastamento e anonimato, à esquerda, com as figuras mantendo respeitosa distância entre si, cada uma seguindo sua direção, as fisionomias quase indistintas. 2ª) Do lado direito, a esfera da vida em proximidade, dos relacionamentos privados (o casal em primeiro plano, de braços dados), na calçada. Quanto à posição do fruidor pretendida por Caillebotte, este coloca-nos quase dentro da pintura, na mesma calçada, obrigando-nos a confrontar o casal que caminha em nossa direção. Porém, as figuras, pintadas em escala natural (o que foi possível dadas as grandes dimensões do quadro), logo nos evitam, olham em diagonal e de maneira evasiva, pois o contato visual direto poderia ser incômodo. As expressões transmitem contenção, certa calma contemplativa, uma atitude *blasé* de quem sabe que neles não vamos esbarrar.

Por último, do lado esquerdo, na esfera pública da vida, as cores dominantes são suaves e neutras, os tons mais profundos são esbatidos. Não existem nesse lado cores quentes que possam evocar sentimentos mais intensos. É para o lado direito da cena, o da proximidade, que são reservados os matizes mais vivos de vermelho terroso e verde azulado, ao lado da figura feminina que anda no lado interno da calçada, protegida pelo cavalheiro de olhos azuis. Neste quadro, vemos um resumo visual da urbanidade em sentido clássico, que se tornou a referência hegemônica a perdurar até o final do século 19, estendendo-se pelo século passado até cerca de três décadas depois da Segunda Guerra Mundial.

Durante a década de 1990, a Antropologia Urbana viu multiplicarem-se as pesquisas sobre a relação entre pessoas comuns e elites, sobre a legitimidade de estruturas de governança, sobre o espaço social, a marginalização, o crime, a violência e os conflitos, bem como movimentos de resistência. No início do século 21, renova-se o interesse pelo localismo, tanto quanto pelo transnacionalismo e o multiculturalismo, o que orienta a busca pelo entendimento da cidade como “uma arena em que a cidadania, a democracia e, por extensão, o pertencimento

são acaloradamente debatidos, e onde a moralidade da lei e da política são questionadas e desafiadas” (PARDO *et al.*, 2015, p. 6).

No Brasil, no início deste século, José Guilherme Cantor Magnani (2002), logo na introdução de suas “Notas para uma etnografia urbana”, refere-se às “formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas”. Ora, não seria essa expressão precisamente o que se quer definir e que no campo da A&U temos chamado de “urbanidade social”? Que outra coisa seria a urbanidade social senão justamente as formas de sociabilidade nas cidades, também referidas como sociabilidades urbanas? A expressão tem ainda a virtude de não ser impregnada de um sentido lato que se pode considerar contaminado por uma visão eurocêntrica e hegemônica, que classifica como urbanidade determinada forma de sociabilidade burguesa europeia cristalizada, como dito anteriormente, na passagem do século XIX para o XX e referida por Simmel (2005 [1903]). Como este último declara ao final de sua célebre conferência, “nossa tarefa [de pesquisadores] não é acusar ou perdoar, mas somente compreender”. (SIMMEL, 2005 [1903], p. 589). Em concordância com esta máxima, consideramos mais útil em nosso campo de conhecimento usar a expressão mais abrangente *formas de sociabilidade na cidade*, ou *sociabilidades urbanas*.

Ao dirigir o olhar etnográfico para aquilo que é “de perto e de dentro”, Magnani (2002) critica as abordagens de compreensão do espaço da cidade como um objeto inanimado, onde chama a atenção a ausência de atores sociais, como se a cidade fosse “um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade”. (*op. cit.*, p. 14). Quanto a essa ausência, revela que não é absoluta, mas de certo tipo de ator social enquanto outros têm papel determinante.

Neste caso, quando aparecem atores sociais, são os representantes do capital e das forças do mercado: financistas, agentes do setor imobiliário, investidores privados. Personagens como os “animadores culturais” – consultores, arquitetos, artistas e demais intelectuais – também se fazem presentes, mas a serviço dos interesses do capital, como “profissionais caudatários”, para usar a expressão empregada por Arantes (1998). (*op. cit.*, p. 15).

Adiante no texto, como que intuindo o ponto de partida para a solução do dilema entre *formas de sociabilidade* (dinâmicas por natureza e à qual nós da A&U chamaríamos de urbanidade social) e os *cenários* em que se manifestam (estáticos, fundo ou suporte para as sociabilidades possíveis, a que chamamos urbanidade espacial), Magnani menciona um dos elementos constitutivos da urbanidade mais importantes: “o exercício da cidadania, das práticas

urbanas e dos rituais da vida pública”. Sem levar em conta esse aspecto da vida em cidades fica-se com uma concepção da *urbanidade socioespacial* (A&U) ou das *formas de sociabilidade nas cidades* (Antropologia Urbana) como algo que simplesmente resulta, de maneira fatalista e determinística, de uma conjunção mais ou menos previsível de fatores a serem levados em conta na hora de projetar. Essa noção é errônea e pode mesmo ser interpretada como alienante e reacionária, por excluir da discussão a capacidade de mobilização de uma comunidade, sua prerrogativa de autodeterminação e o poder político nas mãos dos cidadãos que, além disso, são também cidadãos no exercício de seu direito de organização, mobilizando-se em prol de seus interesses, às vezes de modo imprevisto por arquitetos e planejadores urbanos.

Como contribuição desse autor para o pensamento em A&U acerca da urbanidade socioespacial, equivale dizer, das formas de sociabilidade na cidade, pode-se balizar as análises no modo de operar da etnografia, o que permite ao pesquisador que dele se utiliza “captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números”. (*op. cit.*, p. 16).

Quanto ao artigo de Ruchaud (2018) sobre a produção da urbanidade pela comunidade do Monte Serrat, no Morro da Caixa, em Florianópolis-SC, estamos diante de um exemplo de trabalho realizado por um arquiteto com o emprego das teorias, métodos e técnicas da Antropologia Urbana. Muitas são as contribuições para a operacionalização do construto urbanidade presentes neste trabalho. Em primeiro lugar, trata-se de artigo que relata uma experiência real, venturosa e bem documentada ao longo de décadas, da busca de uma comunidade por melhorias nos espaços públicos de seus lugares de vivência. Não somente isto, mas também pelo reconhecimento do Morro da Caixa como área propriamente *urbana* nos dois sentidos da palavra, o de comunidade plural, receptiva e acolhedora e o de similitude formal, semiológica poderíamos dizer, com a paisagem da cidade formal. São reflexões relevantes sobre os elementos que compõem a urbanidade.

O estudo realizado por Ruchaud permite entender a intrincada rede de relações sociais na comunidade do Monte Serrat, sua compreensão do papel da iniciativa popular em favor de seu próprio projeto e de como o exercício da cidadania de fato constitui o elo a permitir uma compreensão mais completa das formas de sociabilidade na cidade. Em algum momento no passado mais antigo na história do Morro da Caixa relatada por Ruchaud fica claro que houve

a percepção dos moradores de que aquela área, mesmo não tendo sido ainda “urbanizada”, era tão urbana quanto outras da cidade, pelo simples fato de estar na cidade. A consideração das lideranças locais de que todos são igualmente cidadãos, eles do morro tanto quanto os moradores do centro e áreas ditas nobres, foi o motor das transformações que ocorreram no local desde o início do século passado. A experiência da comunidade do Monte Serrat demonstra que a cidadania é uma dimensão inalienável da urbanidade socioespacial (ou das formas de sociabilidade nas cidades) em países que se definem como democráticos.

Ruchaud escreve sobre características atribuidoras de urbanidade, ao se referir a elementos de intervenção seja no espaço ou na noção de limites da propriedade, como a regularização dos terrenos. Nessa visão, a urbanidade tem ainda um aspecto relacionado à normatividade da ação, em conformidade com determinações de esferas mais amplas de poder, como é o caso do estabelecido em códigos de posturas municipais com respeito às construções, vias etc. Outro aspecto é o resgate e ressignificação dos registros materiais e imateriais dessa história, para a construção de uma memória coletiva local, partilhada por todos e transmitida para as gerações mais jovens, bem como para os de fora. Assim atestam os registros existentes das lutas dessa comunidade pela afirmação de sua visão, seu projeto de melhoria dos espaços públicos e suas realizações, a partir de iniciativas levadas a cabo pelo pároco local, Pe. Vilson Groh, dos diretores e membros da escola de samba Embaixada Copa Lord e por moradores mais antigos, com histórico de liderança em demandas da comunidade junto a órgãos ou agentes públicos.

Considerações finais

A análise dos textos selecionados para este ensaio permite concluir que as teorias, métodos e técnicas da Antropologia Urbana podem trazer contribuições valiosas para as pesquisas em A&U, especialmente aquelas voltadas para a operacionalização do conceito de urbanidade dentro do quadro teórico específico da área. A utilidade de se precisar a urbanidade está em que, uma vez compreendido o fenômeno, sua natureza e condições de ocorrência, e devidamente parametrizados (ou epistemologicamente definidos) os aspectos pelos quais se avaliam seus componentes, isso poderá vir a ser um significativo apoio aos arquitetos-urbanistas e planejadores do urbano em geral. Também ficou claro que as possibilidades de uma cidadania organizada em torno de seu próprio projeto de melhorias dos espaços públicos,

expressando materialmente suas urbanidades social e arquitetônica características, como no caso do Monte Serrat, vêm reforçar o acerto do posicionamento de Borja & Muxí (2003) de que “o espaço público é a um tempo o espaço principal do urbanismo, da cultura urbana e da cidadania. É um espaço físico, simbólico e político” (*op. cit.*, p. 16). Os autores reiteram e aprofundam essa posição mais adiante na obra, ao afirmarem que “O espaço público define a qualidade da cidade, porque indica a qualidade de vida do povo e a qualidade da cidadania de seus habitantes” (*op. cit.*, p. 25).

Neste ponto, cumpre esclarecer que este ensaio se debruçou sobre as relações entre a(s) urbanidades(s) possíveis e uma noção de cidadania que começou a ser construída no Império Romano (*civi* – cidadão; *civitas* – a dimensão política da cidade etc.), quando de sua expansão pela Europa, chegando até as regiões correspondentes hoje à Turquia, ao Egito e ao Oriente Médio. Portanto, a cidadania aqui referida é a que aprendemos a reconhecer cotidianamente nisto que chamamos de Ocidente; derivada daquele e de outros processos de expansão imperialista que se sucederam por séculos, com características semelhantes, “em que o urbanismo aparece tanto enquanto ideologia espacial como [...] social, momento em que a cidadania como estatuto político e jurídico torna-se um meio de governar” (SANTOS, 2015, p. 119). Neste sentido, com respeito ao modo como já na modernidade a noção de *civilidade* veio a ser transplantada “para as mais diversas regiões colonizadas do Sul Global”, Domingues e Gontijo (2021) destacam o papel decisivo de “imagens e discursos atravessados por relações de poder”, e que essas lógicas estariam constantemente se reproduzindo, chegando até a escala global (*op. cit.*, p. 68).

Em síntese, constata-se haver certa convergência em alguns pontos-chave entre os autores estudados em A&U, quanto aos elementos constitutivos da urbanidade, embora neste debate ainda persista uma pluralidade de expressões, com diferenças ora sutis, ora importantes de significado. De modo análogo, em que pesem as diferenças históricas, culturais e de objetivos entre os autores no campo da Antropologia Urbana que selecionamos para este estudo, podem-se observar pontos congruentes no modo como referências à urbanidade são tratadas. Essa multitude de esforços para prover em palavras *traduções da urbanidade* indica a atual instabilidade do conceito em nosso meio, o que, se por um lado tem dificultado uma apropriação mais ampla de sua aplicação no aperfeiçoamento da prática projetual em A&U, por outro tem desafiado pensadores do mais alto nível a se debruçarem sobre o problema, gerando com isso

grande riqueza de conhecimentos derivados de um debate que tem se revelado tão desafiador quanto estimulante.

Referências

- AGUIAR, Douglas. Urbanidade e a qualidade da cidade. *In*: AGUIAR, Douglas; NETTO, Vinicius M. (orgs.). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012, p. 61–79.
- BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. **El espacio público: ciudad y ciudadanía**. Barcelona: Electa (Grupo Editorial Random House Mondadori), 2003.
- CAILLEBOTTE, Gustave. **Rue de Paris, temps de pluie**. 1877. Pintura, óleo sobre tela, 212,2 x 276,2 cm. Coleção do Chicago Art Institute. Fotografia digital (arquivo: 1964.336 – Paris Street; Rainy Day.jpg; 3.000 x 2.329 pixels, cor, 24 bits.). Licenciada como domínio público – Creative Commons 0. Disponível para visualização online em: <https://www.artic.edu/artworks/20684/paris-street-rainy-day>. Acesso em 2, maio, 2023.
- CHAKUR, Pablo. Urbanidade: conceito e parâmetros. **Minha Cidade**, n. 214.05, p. 1–11, 2018. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/18.214/6983>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho; GONTIJO, Fabiano de Souza. Como Assim, Cidade do Interior? Antropologia, Urbanidade e Interioridade no Brasil. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 61-83, setembro de 2021.
- ENANPARQ, 1., 2010, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: PROARQ-UFRJ; PROURB-UFRJ; PPGAU-UFF, 2010. Disponível em: http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/caderno_resumos_enanparq_2010.pdf. Acesso em: 12 fev. 2023.
- FELLOWS, Ian. **Word Clouds**. Software. Versão 2.6. San Diego: 12 out. 2022.
- FIGUEIREDO, Lucas. Desurbanismo: um manual rápido de destruição de cidades. *In*: AGUIAR, Douglas; NETTO, Vinicius M. (Org.). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012, p. 209-234.
- GONÇALVES, Alice Rauber. Urbanidade e as novas configurações urbanas. *In*: ENANPARQ, 1., 2010, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: PROARQ-UFRJ; PROURB-UFRJ; PPGAU-UFF, 2010. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/163/163-306-1-SP.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- HOLANDA, Frederico de. **O espaço de exceção**. 2a. ed. Brasília: RFBH, 2018.
- HOLANDA, Frederico de. Urbanidade: arquitetônica e social. *In*: ENANPARQ, 1., 2010, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: PROARQ-UFRJ; PROURB-UFRJ; PPGAU-UFF, 2010. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/163/163-307-1-SP.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- HOLANDA, Frederico de; ANDRADE, Luciana; KRAFTA, Romulo; RHEINGANTZ, Paulo; FIGUEIREDO, Lucas; TRIGUEIRO, Marcele; AGUIAR, Douglas; NETTO, Vinicius M. **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.
- JACOBS, Jane. **The Death and Life of Great American Cities**. New York: Vintage Books, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69092002000200002>. Acesso em: 20 dez. 2021.

PARDO, Italo; B. PRATO, Giuliana; KALTENBACHER, Wolfgang; G. ALBERT, Nicole. Le positionnement de l'anthropologie urbaine. **Diogene**, v. 251-252, n. 3, p. 3-11, 2015. DOI 10.3917/dio.251.0003. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-diogene-2015-3-page-3.htm>. Acesso em: 3 maio 2023.

POSIT. **RStudio**. Software. Versão Ghost Orchid (2021.09.1 Build 372). Boston: Posit Software PBC, 8 nov. 2021.

RUCHAUD, Guilherme Galdo. As narrativas na produção da urbanidade: a experiência histórica do Monte Serrat. In: UrbFavelas – Seminário Nacional sobre Urbanização de Favelas, 3, 2018. Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Pontifícia Universidade Católica de Salvador, 2018. Disponível em: <http://www.sisgeenco.com.br/sistema/urbfavelas/anais2018a/ARQUIVOS/GT5-268-81-20180815094443.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2023.

SANTOS, Ligia Maria Rodrigues dos. UMA ANTROPOLOGIA ESTÉTICA DA CIDADE: HETEROTOPIAS E UTOPIAS URBANAS DA ANTIGUIDADE À MODERNIDADE. **Geografia em Questão**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/5015>. Acesso em: 13 set. 2023.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-93132005000200010>. Acesso em: 15 dez. 2022.

Dicionários online:

CIVILITAS. In: Glosbe Dicionário [online]. Polônia: Glosbe, 2023. Disponível em: <https://pt.glosbe.com/la/pt/Civitatis>. Acesso em: 26 fev. 2023.

URBANE. In: Merriam-Webster.com dictionary. Springfield, MA: Merriam-Webster Inc., 2023. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/urbane>. Acesso em: 25 fev. 2023.

URBANE. In: Merriam-Webster.com thesaurus. Springfield, MA: Merriam-Webster Inc., 2023. Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/urbane#did-you-know>. Acesso em: 25 fev. 2023.

URBANIDAD. In: Diccionario de la lengua española, 23 ed. [versão 23.6 online]. Madrid: Real Academia Española, 2022. Disponível em: <https://dle.rae.es/urbanidad?m=form>. Acesso em: 25 fev. 2023.

URBANIDADE. In: DICIO – Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/urbanidade/>. Acesso em 26 fev. 2023.

URBANIDADE. In: Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [online]. Porto: Porto Editora, 2023. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/urbanidade>. Acesso em: 26 fev. 2023.

URBANIDADE. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. [online]. Lisboa: Priberam Informática, 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/Urbanidade>. Acesso em: 26 fev. 2023.

URBANIDADE. *In*: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa [online]. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/urbanidade/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

URBANITÉ. *In*: Dictionnaire de Français Larousse [online]. Paris: Société Éditions Larousse, 2023. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/urbanit%c3%a9/80672>. Acesso em 25 fev. 2023.

URBANITY. *In*: Merriam-Webster.com dictionary. Springfield, MA: Merriam-Webster Inc., 2023. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/urbanity>. Acesso em: 26 fev. 2023

Recebido em 02 de junho de 2023 | Aceito em 15 de junho de 2023



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional